

*ATAS DO II ENCONTRO NACIONAL DO
GRUPO DE ESTUDOS DE LINGUAGEM
DO CENTRO-OESTE:
INTEGRAÇÃO LINGÜÍSTICA, ÉTNICA E SOCIAL*

*Denize Elena Garcia da Silva
(Organizadora)*

Brasília

2004

Componentes da Diretoria do Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste
GELCO

Presidente

Denize Elena Garcia da Silva (UnB)

Vice-Presidente

Maria Zaira Turchi (UFG)

Primeira Secretária

Gláucia Muniz Proença Lara (UFMS)

Segunda Secretária

Hilda Orquídea Hartman Lontra (UnB)

Primeiro Tesoureiro

Manoel Mourivaldo de Almeida (UFMT)

Segunda Tesoureira

Maria Raquel Galán (ULBRA/TO)

E56	<p>Encontro nacional do grupo de estudos de linguagem do Centro-Oeste: integração linguística, étnica e social (2. 2003 : Goiânia)</p> <p>Atas do II encontro nacional do grupo de estudos de linguagem do Centro-Oeste: integração linguística, étnica e social / Denize Elena Garcia da Silva / (organizadora). — Brasília : Oficina Editorial do Instituto de Letras da UnB, 2004. 3v.</p> <p>1. Linguística-Centro-Oeste. 2. Linguística-conferência. 3. Linguística aplicada. 4. Literatura. I. Silva, Denize Elena Garcia da. II. Título.</p> <p>CDU 801(817)(061.3)</p>
-----	--

Endereço para correspondência:

Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste – **GELCO**

UnB – IL – LIV

Campus Universitário Darcy Ribeiro – ICC Norte, subsolo, módulo 20

CEP 70910-900 – Brasília – DF

AS VICISSITUDES DO POVO PANARÁ E A SUA LÍNGUA

Luciana Dourado (LALI-LIV-UnB)

Abstract: Trata-se de um relato sobre os índios Panará (Jê), mostrando a sua identificação lingüística com a língua de um povo conhecido nos séculos XVIII, XIX e início do século XX como Cayapó do Sul e o seu contato com a sociedade nacional em 1973, a qual ocorreu de forma desastrosa, tendo quase resultado no extermínio desses índios.

Key words: Panará; Cayapó do Sul; Contato; Lingüística comparativa.

Os Panará, apelidados pelos Kayapó de Kren-akarore (variante de palavra Kayapó que se refere ao corte tradicional de cabelo dos Panará), tornaram-se, à época do contato, mundialmente conhecidos pela mídia como os “índios gigantes da Amazônia”. O mais divulgado dos contatos de índios com os “brancos” permaneceu durante anos na imprensa nacional e internacional, sendo objeto de crônicas e reportagens, inclusive de uma composição musical do ex-Beatle Paul McCartney e de uma poesia de Carlos Drummond de Andrade. O contato foi finalmente levado a cabo em fevereiro de 1973.

Os Panará, conforme demonstrado em trabalhos de pesquisa etnohistórica, lingüística e antropológica (Heelas 1979, Schwartzman 1987, Rodrigues & Dourado 1993, Giralдин 1997), são os últimos descendentes de um povo conhecido nos séculos XVIII, XIX e início do século XX como Cayapó do Sul (assim denominados para distingui-los dos Cayapó setentrionais). Os Cayapó do Sul, com uma população estimada pelo historiador John Hemming (1987), no século XVIII, em torno de 25 mil pessoas, habitavam uma vasta faixa do território nacional, mais precisamente a região que compreende atualmente o sul de Goiás, leste do Triângulo Mineiro, norte de São Paulo, leste de Mato Grosso e leste e sudeste de Mato Grosso do Sul.

A língua desse povo, considerada extinta desde o século XIX, foi objeto de comparação com o Panará (Rodrigues & Dourado 1993), graças às pequenas listas de palavras coletadas pelos naturalistas J. E. Pohl e A. de Saint-Hilaire em São José de Mossâmedes, em Goiás, na primeira metade do século XIX, e outras duas publicadas por P. Ehrenreich em 1894, mas coletadas por Nehring e Kupfer em Santana de Parnaíba (na confluência do rio Grande e Parnaíba), e à extensa lista, com cerca de 700 palavras, encontrada por Odair Giralдин no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Rio de Janeiro, de autoria de Alexandre de Souza Barbosa, coletada em 1911, nas proximidades de Uberaba, Minas Gerais. Com o cotejo dos dados lingüísticos, concluiu-se que a língua Cayapó do Sul coletada por Barbosa é a mesma dos Panará atuais, ao passo que a língua registrada pelos demais também é a mesma dos Panará, mas provavelmente uma leve variante dialetal. O cotejo em (1) e (2) mostram como se identificam o atual Panará (Dourado 1990, 1992a, 1992b, 1993a, 1993b, 1997, 1998, 1999, 2000, 2001, 2002a, 2002b, 2002c, 2002d) e o Panará de Barbosa (1918 [1911]) e como lhes correspondem os registros de 1819 de Pohl (1832), Saint-Hilaire (1848), Kupfer (1857) e Nehring (Ehrenreich 1894).

(1)	criança	olho	cabelo	dente	nariz	peixe	veado	terra	céu
D.	priara	ĩto	ĩkĩ	sua	sakre	tɛpi	ĩpo	kĩpa	pukua
B.	priara	intó	ikin	çua	çakre	tép	impó	kýpa	pukuá
P.	itpe-pri	-	-	-	-	tepu	inpó	cupa	putkua
S.	-	intó	iquim	chua	chacaré	tépo	impó	cúpa	-
K.	-	intó	inki	-	pacré	-	impó	-	-
N.	imprim	-	iking	ischoa	zãkrã	tápe	impõ	-	pukua

(2)	água	roça	folha	chuva	milho	velho	homem	mão	arco
D.	ĩko	puu	pəraso	ĩta	mõsi	tɔpitũ	ĩpiara	sikia	ise
B.	inkô	pu	poraçô	intá	mõsý	taputúm	impúara	cykiá	-
P.	-	-	-	intá	muschiú	-	-	-	itsche
S.	incó	-	parachó	-	-	-	impuarria	-	-
K.	pinkó	-	-	intá	-	caputú	puará	-	-
N.	inkó	-	-	-	-	kaputúng	impú	-	ischê

A conexão entre os Cayapó do Sul e os Panará, hipótese inicialmente levantada por Heelas 1979 e Schwartzman 1987, foi também comprovada pela pesquisa etnohistórica (Giraldin 1997), que inclui a comparação de traços culturais descritos por Saint-Hilaire e Pohl.

Os Cayapó do Sul foram símbolo de ferocidade durante à época da expansão e ocupação das fronteiras na região em que habitavam, pela luta que empreendiam contra invasores de suas terras. As lutas entre os Cayapó do Sul e os colonizadores portugueses nos caminhos de Goiás e de Cuiabá foram muitas. Quando não eram mortos, eram capturados para serem escravizados ou aldeados compulsoriamente. De acordo com Giraldin (1997), depois da segunda metade do século XVIII, as bandeiras organizadas contra os Cayapó do Sul tinham por objetivo não mais capturá-los, mas matá-los. Assim, tidos como extintos nas primeiras décadas do século XX, os Cayapó do Sul ressurgem como os Panará bem ao norte, na região da bacia do rio Peixoto, afluente da margem direita do rio Teles Pires, formador do rio Tapajós.

Os Panará ocuparam uma imensa região que compreendia toda a bacia do Peixoto de Azevedo, a serra do Cachimbo e as cabeceiras do Iriri e do Ipiranga, uma região de floresta fechada cortada por muitos rios, córregos e igarapés. Os Panará são índios agricultores, famosos por suas roças circulares, caçadores, pescadores e coletores. Enquanto foi possível, mantiveram-se isolados e arredios em seu novo território.

As primeiras informações sobre os Panará datam de 1949, quando atacaram uma aldeia Kayabi. No entanto, as primeiras notícias divulgadas nacionalmente são de 1960, por ocasião da abertura de uma pista de pouso na serra do Cachimbo, pela Fundação Brasil Central, a menos de 80 quilômetros do território Panará. A presença dos índios na serra do Cachimbo era constante. Contudo, a primeira apresentação formal ocorreu em julho de 1967, quando um grupo composto por homens, mulheres e crianças foram vistos caminhando em direção à base aérea. Surpreendidos por um avião que investiu em vôo rasante contra eles, pois o piloto fora avisado de um ataque de índios, o grupo fugiu em debandada pela floresta.

Quando os Villas Boas começaram a organizar uma expedição para estabelecer contato com estes índios, em 1967, existiam nove aldeias Panará. Um pouco antes, uma dessas aldeias (Sôkənasã) havia sido vítima de um ataque devastador dos Mekragnoti, com armas de fogo, quando pelo menos 20 pessoas morreram. Em 1968 foi iniciada a primeira expedição de atração e contato chefiada por Cláudio e Orlando Villas Boas. Os Villas Boas, depois de persuadirem os Menkragnoti a não empreenderem nenhum outro ataque aos Panará, encontraram **Sôkənasã** queimada e abandonada. A expedição seguiu em frente, sobrevoando o rio Peixoto de Azevedo, e outra aldeia foi localizada. Tentaram estabelecer contato com vôos sucessivos e com o arremesso de presentes. O gesto foi parcialmente bem sucedido, de vez que os Panará gostaram dos presentes mas em nada facilitaram o contato. Neste mesmo ano, a expedição foi suspensa.

Em 1970, o governo brasileiro deu início ao projeto de construção das grandes estradas na Amazônia, com destaque para a Transamazônica. Duas estradas cortariam o território Panará: BR 163, a Cuiabá-Santarém, no eixo sul-norte, e a BR 80, que se interseccionava com aquela. Em 1972, quando as estradas começaram a convergir, os Villas Boas foram chamados a organizar uma nova expedição para prevenir os efeitos de um contato iminente com os Panará. No dia 4 de fevereiro de 1973, os Villas Boas tiveram o primeiro contato face a face com estes índios.

Os Panará, apesar de arredios antes do contato, aos poucos foram atraídos pelo trabalho da construção da estrada e pelos veículos que chegavam com a sua abertura em dezembro de 1973. O contato descontrolado com os “brancos” trouxe a doença, a morte e a desorganização social. As doenças, ao se espalharem pelas aldeias, acarretaram conflitos entre os próprios índios. A FUNAI tentou remediar esta situação transferindo todo o grupo para a aldeia **Korokoko**, situada a uma distância maior da estrada. Isto, porém, não evitou que as visitas à estrada continuassem.

Antes do contato, as estimativas indicavam que em 1968, ano da primeira tentativa, os Panará eram entre 350 e 600 indivíduos distribuídos em nove aldeias. No final do ano de 1974, eram apenas 82 os sobreviventes, agora reunidos em uma única aldeia.

Tornava-se imperativa a saída daquele local. Por iniciativa de Cláudio e Orlando Villas Boas, em janeiro de 1975, os Panará foram transferidos para o Parque Nacional do Xingu. Quando chegaram ao Parque, a sua população era de 79 indivíduos.

Inicialmente foram levados para o Diauarum, tendo sido examinados pela equipe médica da Escola Paulista de Medicina. Seguiram, depois, para uma “aldeia” construída para eles, pelos Kayabi, a qual consistia de duas casas e uma roça de milho. Com o esgotamento da roça e a persistência das doenças e das mortes, os Panará foram transferidos, em março de 1975, para o Kretire, aldeia dos Txukahamãe. Nesta ocasião haviam sofrido mais baixas, a sua população era de apenas 69 indivíduos.

Em outubro de 1975, quando deixaram o Kretire para a sua própria aldeia, haviam sido reduzidos a 67 pessoas. Era a primeira vez, desde a transferência, que os Panará começaram a existir como um grupo autônomo. Iniciaram a pesca, a caça, os seus rituais tradicionais e, na estação de estio seguinte, plantaram suas próprias roças. A saúde retornou ao grupo, reduzindo a incidência de doenças e mortes.

Sempre a procura de um lugar parecido com o seu território tradicional, os Panará transferiram sua aldeia, em maio de 1983, para a margem oeste do rio Xingu, mais ou menos a 15 km da BR-80 e, em julho de 1989, para a margem direita do rio Maniçauá-Miçu, afluente do rio Xingu, mais a oeste do Parque, portanto, mais próximo à sua terra de origem. Era o início do retorno.

Depois de várias expedições de reconhecimento e localização de uma área remanescente do seu antigo território, os Panará, com o importante auxílio da FUNAI e de organizações não-governamentais, puderam retornar ao que sobrou do seu antigo território, uma área de 840.000 ha, encaminhada em dezembro de 1994 ao Ministério da Justiça, pela FUNAI, para que seja reconhecida e demarcada. Neste mesmo mês os Panará entraram, na Justiça Federal, com uma Ação Ordinária de Reparação por Danos Materiais e Morais, impetrada por advogados do Núcleo de Direitos Indígenas, contra a União e a FUNAI, pedindo reparação de danos e indenização. Em 1997, julgada até a última instância, numa decisão inédita na história do Brasil, a ação impetrada

pelos Panará foi considerada procedente, determinando que estes sejam indenizados por mortes e danos culturais.

Em 1994, uma parte da população transferiu-se para a nova aldeia, com o objetivo de construir casas e preparar as roças para a ida do restante. O local escolhido para a nova aldeia era o mesmo de uma antiga, às margens do Iriri Novo, a que deram o nome de Nãsepõtiti ‘morcego queimado’. Em março de 1997, a tribo inteira se reuniu de novo na aldeia Nãsepõtiti, depois de quase 20 anos de êxodo. Atualmente, a população Panará é de 230 pessoas.

A língua Panará, atualmente falada por esses índios, na sua maioria monolíngües, foi classificada como pertencente à família lingüística Jê (Rodrigues 1986), um ramo do chamado tronco Macro-Jê. O Panará figura ao lado de línguas como Kayapó, Suyá, Apinajé, as línguas Timbira e muitas outras. Contudo, o Panará apresenta características morfossintáticas muito peculiares, que o distinguem sobremaneira das demais línguas de sua família, como, por exemplo, o sistema de classificadores nominais, a incorporação nominal e posposicional e as construções seriais¹, como se pode ver nos exemplos abaixo: construções com classificadores (3, 4 e 5), com incorporação nominal, em (6 e 7), com incorporação posposicional, em (8 e 9), e com verbos seriais em (10 e 11).

(3) a ka hẽ ø =ka =kø =asi pẽkø
 INT² você ERG REAL.TR=2SG.ERG=CLAS=costurar.IMPF roupa.ABS
 ‘você costurou o vestido?’

(4) kiõripe yi =si =kiõ-ti
 arroz.ABS REAL.INTR=CLAS=brotar-PERF
 ‘o arroz brotou.’

(5) pratu kre=kĩni
 prato CLAS=limpo
 ‘prato limpo.’

(6) a. mara hẽ ø =ti =s-ãte-ri
 ele ERG REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS.RNC-apertar-PERF
 ka y-ĩkia
 você RC-mão.ABS
 ‘ele está apertando a tua mão.’

b. mara hẽ ø =ti =s-ikia
 ele ERG REAL.TR=3SG.ERG =RNC-mão
 =y-ãte-ri ka
 =3SG.ABS=RC-apertar-PERF você.ABS
 ‘ele está apertando a tua mão.’

¹ Construções com verbos seriais e incorporação nominal foram também atestadas na língua Parkatejê, da família Timbira (Ferreira 2003).

² Os símbolos utilizados para se referir às funções gramaticais são os seguintes: ABS=absolutivo, ALA=alativo, CLAS=classificador, ERG=ergativo, ICOM=instrumental-comitativo, IMPF=imperfectivo, INT=interrogativo, INTR=intransitivo, MAL=malefactivo, PERF=perfectivo, PL=plural, RC=relacional de contigüidade, REAL=realis, RNC=relacional de não-contigüidade, SG=singular, TR=transitivo.

(7) a. $\dot{\text{i}}\text{ky}\dot{\text{e}}\ \text{h}\dot{\text{e}}\ \emptyset\ =\text{re}\ =\text{s-}\dot{\text{u}}\text{pan}\ \text{n}\dot{\text{a}}\text{k}\dot{\text{a}}$
 eu ERG REAL.TR=1SG.ERG=3SG.ABS.RNC-ter medo **cobra.ABS**
 ‘eu tenho medo de/da cobra’

b. $\dot{\text{i}}\text{ky}\dot{\text{e}}\ \text{h}\dot{\text{e}}\ \emptyset\ =\text{re}\ =\text{n}\dot{\text{a}}\text{k}\dot{\text{a}}=\text{y-}\dot{\text{u}}\text{pan}$
 eu ERG REAL.TR=1SG.ERG=**cobra**=3SG.ABS.RC-ter medo
 ‘eu tenho medo de/da cobra.’

(8) a. $\text{mara}\ \text{h}\dot{\text{e}}\ \emptyset\ =\text{ti}\ =\text{a}\ =\text{p}\dot{\text{i}}\text{-ri}$
 ele ERG REAL.TR=3SG.ERG=2SG.ABS=**pegar-PERF**
 s\~{o}sesua ka **pe**
 anzol voc\~{e} **MAL**
 ‘ele pegou o anzol em detrimento de voc\~{e}.’

b. $\text{mara}\ \text{h}\dot{\text{e}}\ \emptyset\ =\text{ti}\ =\text{a}\ =\text{pe}\ =\text{p}\dot{\text{i}}\text{-ri}$
 ele ERG REAL.TR=3SG.ERG=2SG.ABS=**MAL=pegar-PERF**
 s\~{o}sesua ka
 anzol voc\~{e}
 ‘ele pegou o anzol em detrimento de voc\~{e}.’

(9) a. $\text{ka}\ \text{h}\dot{\text{e}}\ \emptyset\ =\text{ka}\ =\text{ra}\ =\text{p}\dot{\text{i}}\text{ase-ri}$
 voc\~{e} ERG REAL.TR=2SG.ERG=3PL.ABS=**brigar-PERF**
 p\~{r}iara **h\~{o}w**
 crian\~{c}as **ICOM**
 ‘voc\~{e} brigou com as crian\~{c}as.’

b. $\text{ka}\ \text{h}\dot{\text{e}}\ \emptyset\ =\text{ka}\ =\text{ra}\ =\text{h\~{o}w}\ =\text{p}\dot{\text{i}}\text{ase-ri}$
 voc\~{e} ERG REAL.TR=2SG.ERG=3PL.ABS=**ICOM=brigar-PERF**
 p\~{r}iara
 crian\~{c}as
 ‘voc\~{e} brigou com as crian\~{c}as.’

(10) $\dot{\text{i}}\text{kiara}\ \text{ra}\ =\text{s}\dot{\text{o}}\ =\text{pan}\ \text{puu}\ \text{t}\dot{\text{a}}\ (\text{i})\text{tu}\ \text{s}\dot{\text{o}}$
 mulheres.ABS 3SG.ABS=**pegar=andar** ro\~{c}a ALA batata **pegar**
 ‘as mulheres v\~{a}o para a ro\~{c}a para pegar batata.’

(11) $\text{maramera}\ \text{yi}\ =\text{ra}\ =\text{piase}\ =\text{to}$
eles.ABS REAL.INTR=3PL.ABS=envergonhar-se=ir
 ‘eles foram embora.’

Referências

- DOURADO, Luciana. Estudo preliminar da fonêmica Panará. Dissertação (mestrado). Universidade de Brasília. DF.1990.**
- DOURADO, Luciana. Sandhi externo em Panará (manuscrito).1992a
- DOURADO, Luciana. Concordância em Panará. Anais da 44^a Reunião Anual da SBPC, P. 390. São Paulo. 1992b.
- DOURADO, Luciana. Fenômenos morfofonêmicos em Panará: uma proposta de análise. Boletim do Museu Emilio Goeldi, série antropológica, vol 9.2. 1993a
- DOURADO, Luciana. Classificadores de nomes em Panará, in L. Seki (org.). Linguística Indígena e Educação na América Latina. Campinas. Editora da Unicamp. 1993b.**
- DOURADO, Luciana. Processos fonológicos em Panará (manuscrito). 1997.
- DOURADO, Luciana. Construções causativas em Panará (manuscrito). 1998
- DOURADO, Luciana. Relativização em Panará (manuscrito). 1999.
- DOURADO, Luciana (2000). The Advancement of Obliques in Panara. In Santa Barbara Papers in Linguistics. Santa Barbara: UCSB, v. 10, p. 26-32.. 2000.
- DOURADO, Luciana Aspectos Morfossintáticos da Língua Panará (Jê). TESE (doutorado). 2001. UNICAMP. Campinas, SP.**
- DOURADO, Luciana. A expressão da posse em Panará. Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL. Belém, PA: Editora Universitária, p 96-103. 2002a
- DOURADO, Luciana. Construções Aplicativas em Panará. DELTA – Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 18.2, p. 203-231. 2002b.
- DOURADO, Luciana. Construções com predicados complexos. In Santos, Ludoviko dos & Pontes, Ismael (org.). Línguas Jê: Estudos Vários. Londrina, PR, p. 41-55. 2002c.**
- DOURADO, Luciana. A categoria de pessoa em Panará.. Anais/Resumos da 54^a Reunião Anual da SBPC. Goiânia, GO. 2002d
- FERREIRA, Marília. Estudo Morfossintático da Língua Parkatêjê. TESE (doutorado), UNICAMP. Campinas, SP. 2003.**
- GIRALDIN, Odair. Cayapó e Panará: luta e sobrevivência de um povo Jê no Brasil Central. Editora da UNICAMP. Série Pesquisas. Campinas. SP/Campinas: Unicamp. 1997.
- HEELAS, Richard. The social organisation of the Panara, a Ge tribe of Central Brazil. Ph.D.THESIS. University of Oxford. 1979.**
- RODRIGUES, Aryon. D. Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo. Edições Loyola. 1986.
- RODRIGUES Aryon. & DOURADO, Luciana. Panará: identificação linguística dos Kren-akarore com os Cayapó do Sul. Anais da 45^a Reunião Anual da SBPC, p. 505. Recife.1993.**
- SCHWARTZMAN, Stephan. The Panara of the Xingu National Park: the transformation of a society. Ph.D. THESIS. University of Chicago. 1987.